

# Pindorama

REVISTA  
DE  
CRÍTICA  
E  
LITERATURA



Machado de Assis (texto neste número)

2\$  
PREÇO

Cuiabá — Mato-Grosso

DIREÇÃO:

Gervásio Leite

J. B. Martins de Mello

Rubens de Mendonça

# A Renascença

— DE —

**PEREIRA & BRAGA**

Uma casa que dignifica o comércio cuiabano

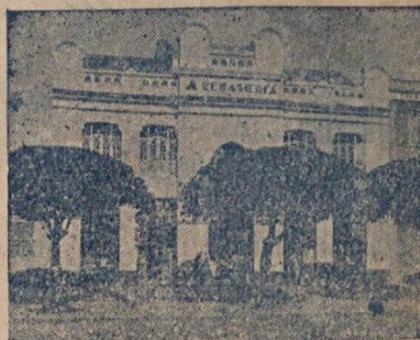
End. Teleg. RENASCENÇA

Praça da República, 6

Telefone, 224

**CUIABA**

**MATO-GROSSO**



**DEFENDA A SUA SAÚDE:**

**Farmácia São Benedito**

— DE —

**IRMÃOS HERANE**

Medicamentos garantidos—manipulação rigorosa

**Avenida Generoso Ponce, ao lado do  
1. Barateiro**

**CUIABA'**

**MATO-GROSSO**

# PINDORAMA

— Revista de crítica e literatura —

DIREÇÃO : GERVÁSIO LEITE, J. B. MARTINS DE MELLO E  
RUBENS DE MENDONÇA

## EXPEDIENTE

Redação : Rua Comte. Costa, 101 — Telefone 42

## TABELA DE PREÇOS : ASSINATURAS

	CUIABA'	FÓRA
Anual	45\$000	55\$000
Semestral	24\$000	28\$000
Mensal	4\$000	5\$000
Número avulso	2\$000	3\$000

Tôda e qualquer correspondência deve ser dirigida á Redação.  
Os originaes, publicados ou não, não serão devolvidos.

# Pindorama

REVISTA DE CRÍTICA E LITERATURA

— Aparece nos dias 1.º e 15 —

Redação: Rua Comte. Costa, 101 - Fone 42

## Afirmção

### DIREÇÃO

Cervásio Leite

J. B. Martins de Mello

Rubens de Mendonça

Esta revista pretende tornar conhecidas nossas possibilidades intelectuais lá fora. Revista de moços, ela não só quer congregiar todos os jovens matogrossenses numa cruzada em prol da cultura e da inteligência do Oéste, como também revelar a fôrça e as possibilidades do nosso grande Estado.

Dentro desse programa estaremos sempre na vanguarda, trabalhando pelo progresso de Mato Grosso.

A inteligência é, também, uma fôrça, que aumenta de poder quando a ela se alia o entusiasmo da mocidade. Saberemos para isso remover os impecilhos que iniciativas desta natureza encontram sempre no Brasil.

Não faz mal! Continuaremos.

E' necessário, porém, cooperação da mocidade matogrossense para que êste programa se transforme em realidade.

ANO I — N.º 2

15 de Junho -1939

CUIABÁ M. Grosso

.....  
 A literatura nacional encontrou na obra de Machado de Assis um meio esplêndido de dignificação. Com êle e, principalmente por estar fóra das correntes literárias do seu tempo, o romance brasileiro tornou-se universal. Ainda que os seus ambientes são puramente cariocas — se nele encontramos preocupação no sentido de se interessar por ambiente — seus personagens são humanos e por isso mesmo sem pátria. Não vivem nem em função do tempo nem dentro das possibilidades do meio.

M  
A  
C  
H  
A  
D  
O  
D  
E  
A  
S  
S  
I  
S

Rompendo princípios, desmentindo regras êles se afirmam em todas as épocas e em todos os lugares. Escapam dos sestros e hábitos locais e se afirmam dentro das características gerais de todos os homens. Enfim fogem do particular para o geral e vivem indiferente no passado como no presente, aqui como acolá. E se são levemente monstruosos ou diferentes do vulgo, como aquele Braz Cubas que morreu de uma idéia grandiosa e útil não são absurdos ou irrealis. Vivem. Respiram. Sofrem. Não são meros símbolos ou mera fantasia. São humanos de uma humanidade possível e comum. Até mesmo a loucura de Rubião é viva, real, sangrenta e nervosa.

Machado apanhou e observou o homem naquelas atitu-

des, naqueles instantes de todos os homens de todos os tempos. Seus diálogos podiam ser recitados por um romano da Decadência como por um homem que vive este nosso fim de uma era. E' que ele abandonou a terra, desistiu do meio físico para fazer o romance psicológico que Proust universaliza com as possibilidades maiores da língua francesa. Renunciou a preocupação imediata do ambiente, o momento fugidio que se chama Presente para, penetrando no terreno do espírito, viajando pelo interior do homem, fazer uma obra onde não se considera o tempo, onde ontem, amanhã ou hoje são meras palavras sem interesse. No esplêndido mas atroz isolamento em que viveu de onde desmentiu todas as conquistas dos séculos êle apenas viu o homem interior feio, peçonhento e asqueroso. Envenenado por certos filtros filosóficos diabólicos, saturado de malícia, de desilusão e de desencanto, estrangulado pela epilepsia arrazante, torturado pela origem humilde, amesquinhado pela côr, Machado encontrou no humorismo o meio de vingança certo e cômodo. Ingeligência sutilíssima — lembra Afranio Peixoto — e sensibilidade á flôr da pele foram desde cedo maltratadas pela consciência inicial de uma inferioridade de raça, e maior, pela malignidade da Natureza, que o fez doente, de mal implacável que não perdôa, que humilha, que deita por terra, que as forças quebra e escurece a razão que dá á trégua

*Trecho de um ensaio de*

da fadiga vencida, quasi crepuscular, nos intervalos das crises, para se preparar a angústia lenta, enervada, convulsa, e que explode finalmente em outro paroxismo. Observado desse plano Machado de Assis cresce ainda mais diante da História. Não foi por certo o único epilético de gênio, nem tão pouco o único na literatura, mas o seu caso foi especial, único e personalíssimo.

Nele, exteriormente não encontramos nenhum traço, qualquer indício, a menor falha que denuncie a intensidade do imenso drama de homem interior. Não houve exemplo mais completo de divórcio entre o homem e a obra do que no caso Machado de Assis. Viveu duas vidas separadas em compartimentos estanques. Lucia Miguel Pereira escreve que "entre o espírito ordeiro, pacato, tímido, do funcionário da Secretaria da Agricultura, do mestre do cenáculo conservador da Garnier, do presidente da Academia de Letras, do pessimista reticente, do cidadão absenteista, do marido exemplar, e a crueldade ás vezes sádica do dissecador de almas, e a volúpia mal contida do creador de paixões, e o negativismo quasi irritado do romancista interrogando evidentemente a vida sem nunca encontrar uma resposta, vai um abismo." Esse abismo, esse espaço enorme e quasi intransponível é que explica o fenomeno Machado de Assis.

Só se separando das banalidades do viver quotidiano, só se ligando a vida interior, desco-

Gervásio Leite

nhecida, invulgar é que encontrou interesse para sua obra. Não que isso tenha sido calculado, premeditado, feito de indústria. Obedece inicialmente ás forças patológicas da nevropatia e da epilepsia que esburacavam o seu espírito. Era um impulso irresistível que o empurrava para essa exibição dolorosa e humilhante de chagas psíquicas.

Na vida exterior não há drama, não há movimento, não há vida; apenas, o burocrata, o homem frio, grave, circunspécto, maneiroso e fino. Dentro, porém, êle, como Braz Cubas, tinha um trapézio no cérebro onde idéias malucas, insensatas, cabriolantes bracejavam como volatins arrojados. Exteriormente era a planície nevada, fria, cinzenta quasi morta; interiormente no entanto, feria um vulcão prestes a explodir. O homem muitas vezes nega o que o escritor afirma. Funcionário aposentado comparecia pontualmente á sua repartição habituado como estava a rotina burocrática.

O homem que escreveu a teoria do medalhão, lembra Viana Moog, foi o maior animador da academia, ele que não acreditava na immortalidade.

PINDORAMA é a voz serena da mocidade matogrossense no concôrto de outras vozes nacionais.

# MULHER

Trazes na glória do teu corpo jóvem um poema divino,  
 És na graça diabólica da tua mocidade, um feixe de luz na escuridão do mundo.  
 A natureza escondeu mistérios nos teus olhos, sob tua pele rosada e nesses lábios que  
 prometem revelações sutis.

És um poema de carne! És um poema de graça! És um hino de beleza!  
 Deus sintetizou em ti, mulher, toda a beleza dispersa do Universo.  
 O brilho dos teus olhos lembram diamantes esplêndidos fugidos de corôas reais;  
 Os teus lábios vermelhos viveram milênios no fundo do mar num ramo de coral;  
 Quando o dia revelou-se no horizonte foste buscar a graça matinal do teu sorriso;  
 Roubaste um pedaço da noite negra e profunda e idealizaste esse penteado fascinante;  
 Apanhaste o ondular feminino da serpente no fundo das selvas;  
 Longamente escolheste as pérolas que fuíram na tua boca;  
 Furtaste sedução e graça de sereias e fadas  
 E conquistaste misteriosamente esses pequeninos nada que enfeitam teu corpo.

Todos os animais da terra,  
 Todas as flores do mundo,  
 Todas as pedras do sub-solo  
 Concorreram para que fosses creada, mulher maravilhosa!  
 E Deus te mandou á terra para enganar os homens com os segredos indecifráveis do teu corpo.

GERVÁSIO  
 O LEITE



Introdução necessária: — Este manuscrito, deixou-me como lembrança um amigo, que abandonou o país, com destino á Legião Estrangeira, onde iria servir. Achei o interessante trazê-lo á publicidade. Que não me culpem por isto.

Tertuliano já houvera dito, nas trévas da Idade Média, pregando o sentido da mística cristã e do "substrac-tum" da Fé, e confirmando o "Credo

# ATO

quia absurdum": — *Não precisamos de ciência depois de Cristo, nem de prova, depois do Evangelho. Aquele que crê nada mais deseja que isso.*

E' bem verdade que não conseguirei arregimentar adeptos, que recitem comigo a profissão de fé que vão ler, em virtude da incoerência e teimosia dos homens, que persistem em rejeitar a verdade dos fatos. Fazem-se de cegos, de surdos, de mudos e não me acompanham no plágio a Tertuliano, quando digo: Não precisamos de ciência em presença da Fôrça, nem de provas, depois das conquistas a ferro e a fogo! *O que deseja vencer, abstrai-se, por completo, dos meios qualitativamente empregados, e nada mais deseja que isso.* E' a noite escura da éra contemporânea, super-individualista e utilitária. Mas não me preocupa tanto a indecisão, a covardia ou o conservatismo dos meus colegas da espécie zoológica. Mesmo sósinho, deixo aqui o meu ato de fé de um homem perfeitamente identificado com a sua época: "Creio na Fôrça toda poderosa e nos seus sequazes, a injustiça e o inexcusado. Creio na standardização do intellecto e do espirito, na absorção dos idealistas e sonhadores pelos chamados homens práticos. Creio no perniciosismo da cultura e das idéias. Creio no valor da ação e da conquista, por quaisquer processos. Creio nas indústrias, nas guerras e nos imperialismos. No homem mecânico, nas máquinas, nos alimentos sintéticos. Creio no egoismo e na insinceridade. Creio no

homem vulgar e medíocre, que saiba orientar a mediocridade, num sentido puramente utilitário. Creio em tudo mais que constitui a essência psicológica e moral do nosso triste século."

Se todos prestássemos um juramento de seguirmos à risca o meu ato de fé, o mundo tomaria outro rumo. Haveria um acanhado número de infelizes na terra, pois as causas mais constantes da infelicidade são as desilusões sofridas. O poeta não póde, não deve esperar, que lhe venha, amarrado á inspiração, um mísero pedaço de carne. O músico não pense que encontrará uma carioquíssima média com pão e manteiga, num acórde em dó sustenido maior. O pintor não julgue que lhe emerja de uma paisagem bucólica, uma mesa farta onde sacie a sua fome. O utilitarismo paira hoje acima de todas abstrações. Mesmo orientado por excusos processos, o homem encontra justificativa para todos os seus atos. E' necessário simplesmente que o egoismo sobre-saia, em face dos demais instintos. E' doloroso, mas é a verdade e temos de aceitá-la, que a civilização progredisse tanto no ponto de vista material, e o espirito não esteja suficientemente preparado para a recepção do gigantesco avanço. Chegamos a um ponto, em que se deparam, ante o homem, dois caminhos: a *materialização* ou a *deserção*.

Entre as duas estradas a mais aceitavel é a primeira, por conservação e comodismo.

Pena é que tenham existido homens de espirito, que gastaram noites de sono e gramas de fosfato, consumidos em falar da vida, ditar normas de conduta moral, criar doutrinas, fundar escolas filosóficas, em prol de uma civilização tão ingrata para com os seus idealizadores, relegando-os ao ostracismo e á imprestabilidade. Tenho pena, confesso, de Sócrates, de Platão de S. Thomás, de Dèscartes, de Kant, de Darwin, de Augusto Comte.

# FE'

(Continúa adiante)

De Odilo Silva

## Fulano, o pesado

De J. B. Martins de Mello

O homem parou na esquina. Cuspada. Nova cuspada. Intervalo, e outra cuspada.

O V-8 passou raspando a sargeta. Apito forte e estridente. Des modernos.

Alguém gritou perto do homem. Jornaleiro. Dois tostões para o garoto e começou a folhear o matutino. "O homem que matou o próprio pai." "O padres foram assassinados." "Hitler ameaça novamente o mundo". E outros escândalos bem maiores. Nada disso, porém, prendeu a atenção do desconhecido. Procurava alguma cousa mais interessante. Eis que o seu olhar brilha e o jornal não mais é folheado. Secção "precisa-se". Leu-a tôda, todinha. Não encontrou ainda o que desejava, porque dobrou o órgão e guardou-o no bolso do jaquetão desbotado.

Ele procurava um emprêgo. Havia sido dispensado do seu. Lêra o jornal tôdo e só encontrára na secção "precisa-se" uma notasinha do seu ex-senhor: "precisa-se" de um bom guarda-livros por haver sido dispensado o serventuário".

A mulher que passou nem o cumprimentou.

O homem seguiu a rua. Assobiava uma valsa conhecida.

A cidade ia escurecendo e os anúncios luminosos começavam a aparecer.

Ele meteu a mão no bolso e tirando o último cigarro, apalpou carinhosamente um bilhete de loteria, produto das suas últimas notas.

Distraidamente atravessou a rua. Gritaram. Ele nem ouviu. O automóvel, na velocidade espantosa, não pôde ser brecado. Gritos de horror. A polícia interviu.

—Sorteado o bilhete 30693! Foi o jornaleiro que anunciou.

O bilhete do fulano fôra sorteado: quinhentos contos. Mas ôle já conversava, talvez, com o velho chaveiro de lá de cima.

A mulata suada vendeu o último doce de côco ao garoto.



# Humorismo

## Regime

O médico chega á casa do doente e impõe-lhe diéta rigorosa.

— E' preciso mudar êsse regime: O Sr., por exemplo, tem abusado muito da carne de vaca, nestes ultimos tempos...

— Não, doutor...

— Ora, como não! E a carne de vaca é um veneno para o seu organismo...

— Mas, doutor...

— Não tente enganar-me. E mesmo que sabe o Sr. do que come? O açougueiro dá-lhe carne de vaca, dizendo ser de boi, ou de vitelo, e nem por isso, o Sr. passa melhor...

— Não, doutor. E' que, quando eu tinha dois anos, tomei indigestão de carne de porco, e daí para cá nunca mais comi carne de espécie alguma.

## De Portugêes

O Manuel é um portugêes muito bom e pacato. Mas, que não lhe falem em metáforas, condição esta ignorada por um amigo, que tinha negócios com êle:

— Olhe, ó Manuel. Estive ontem, á noite, em sua casa, para liquidarmos o negócio da banha.

— Mas, ontem eu estava em casa..

— E' que não quis incomodá-lo. Você, nessa hora, estava entregue aos braços de Morfeu...

E o Manuel, franzindo a sombrancelha, indignado:

— Bê lá hein! Bê lá se eu ando avraçado com homem..

## Pedro II ás voltas com os porcos

O facto é contado pelo Medeiros e Albuquerque e deve ser verídico. Pedro II foi visitar o internato do colégio, que tem o seu nome, e, depois de examinar as dependências todas, mostrou desejo de ver as plantas e criações. Saíram todos, o monarca á

frente acompanhado dos professores e alunos. Naquele tempo, o colégio mantinha, no segundo quintal, uma grande criação de porcos, e um dos internos subornára um empregado, para abrir a portinhola, tão logo se aproximasse a comitiva. Ao entrar numa estreita alameda, Pedro II, quando deu acôrdo de si, tinha na sua frente aquela enorme manada de porcos, que vinham grunhindo e correndo em direção contrária. Qué fazer? Se voltasse, seria alcançado pelos suinos, e era sujar toda a roupa. Desviar se, impossível, tão estreito era o caminho. S. M. só achou um recurso: abrir as pernas. E os presentes assistiram a este espectáculo inesquecível: «uma fileira interminável de porcos, passando sob as pernas de um imperador furioso e de casa a casa...»

## Do anedotário cuiabano

### A Medalha

Num dia de pouco assunto, o nhô Joaquim contára ao Zé Vaz uma história complicada, que lera em um Suplemento infantil. Era o caso de um estudante, que vivia ignorado e posto mesmo em ridículo pelos colegas, até que um dia se revelou extraordinariamente. Na praia, em passeio, um dos professores ia morrendo afogado, sem que ninguém ousasse acudir-lo, tal o furor das ondas. Foi quando aquele rapaz, até então modesto e apagado, caiu resolutamente nágua, e, depois de muito esforço, conseguiu salvar o professor.

Ora, o Zé Vaz achou interessante o caso, e pôs-se a considerar como seria honroso para ele, se isso hovesse acontecido com o seu filho, que naquela época estava estudando na Escola Militar. Sim, um herói dessa natureza só podia ter sido o seu filho e come-  
(Continúa adiante)

# O BRASIL EM REVISTA

Este século, disse eminente cientista, é o século das crianças. É louvável medida portanto a tomada pelo governo federal instituindo a Semana da Criança. Mesmo sem sair do prosaísmo

da frase feita, é da criança que sairá ou o cidadão fraco, ruína da Pátria, ou o homem forte que engrandecendo o genero Humano, dignifica a sua terra. Num tempo de esplêndidas conquistas no campo da Eugenia a medida tomada pelo governo reflete bem a tendência patriótica e moderna do Estado Novo.

Além disso a instituição da Semana da Criança era uma condição que as circunstâncias estavam exigindo. Para que se tenha um Brasil maior, mais forte e mais seguro dentro das suas fronteiras, necessário se faz preparar na criança de hoje o dirigente de amanhã. E um verdadeiro governo tem o dever de tratar logo disso.

A Semana da Criança representará os esforços conjugados do governo, das instituições e do povo.

O grande problema nacional que uma vez resolvido virá solucionar todos os outros, é indiscutivelmente o problema do transporte.

Ainda recentemente realizou-se na capital do País uma conferência sobre essa questão capital. A opinião unânime de técnicos no assunto, economistas, agricultores, enfim de todas as classes sociais da Nação é que só as facilidades de transporte tornarão possível o aceleração do progresso nacional. No dia que o Brasil estiver suficientemente cortado por estradas permitindo fácil acesso até às mais longinquas paragens, poderemos dizer que somos um grande povo. No Brasil só há um problema: ESTRADAS.

# Retalhos Históricos

## "RIACHUELO"

Estevão de Mendonça

Uma das páginas mais fulgurantes da nossa história—legítimo orgulho para o Brasil—gravou Barroso a 11 de Junho de 1865, com a proa destemorosa da sua nau lendária.

Feito rememorado pela sua repercussão nos destinos da guerra, o principal detalhe da ação militar de Riachuelo oscila ainda á mercê de afirmações díspares. A verdade, porém, ressurgue dominante sempre, sabendo nos, por circunstâncias ocasionais apenas, a última palavra sôbre a vitória resplendente.

O Barão do Rio Branco, o Visconde de Ouro Preto, e tantos outros que pesquisaram com saber os lances daquele entrecocar de esquadras, deixaram margem ao obscuro provinciano que este retalho escreve, com elemento de valia em mão, dizer a tática definitiva que amparou Barroso.

Possúo o documento comprovante do glorioso almirante. Publicou este já no fim da vida, esmagadora resposta ao Barão da Passagem, restabelecendo os fatos. A controvérsia girou da iniciativa do comandante da esquadra, investindo com o "Amazonas" sôbre o inimigo.

No desviar a glória do ve-

lho almirante, colaborou a imprensa argentina, emprestando ao prático Bernardino-correntino, já se vê a autoria da manobra que prostrou a esquadra paraguia. Cerca, porém, a memória de Barroso a veneração unanime do povo a que serviu.

E é o valoroso marinheiro, modesto e bonachão, no tom brejeiro de camaradagem antiga, quem nos relata a parte decisiva que lhe coube naquele memorável encontro.

Na carta abaixo, em seus trechos principais, fala Barroso:

«Corrientes, 17 — 9 — 65

Exmo. Barão de Melgaço:

Com imenso prazer recebi a sua carta de 2 de Setembro último, que muito apreciei, e muito me surpreendeu. Vejo que está bom, e que com tão piloto ao leme a Província marchará perfeitamente.

A prova do Amazonas foi um bom recurso; a idéia que me ocorreu livrou-me que com subidas, e viradelas e descidas alguma vez havia de encalhar, e seria navio perdido.

O meu sentimento foi de que os sujeitos vendo dar terceira, tratarão de abalar para não

*Continúa no fim do número*

## Do Movimento Modernista á Poética de Da Costa e Silva

De Rubens de Mendonça

"A Literatura nunca esteve tão viva quanto hoje. E, apesar disso, a cultura se acha ameaçada." Foi com estas palavras que o grande escritor francês André Gide iniciou os trabalhos do Congresso Internacional de Escritores.

E é bem verdade: "nunca a literatura esteve tão viva como hoje." A literatura de antes da Grande-Guerra era um imenso cipoal intransponível, um desperdiçar de energias.

Data da Grande-Guerra sua evolução. Isto, falando em carater universal, porque no Brasil o que houve foi apenas o recuo de uma geração, para dar lugar a uma geração melhor.

O Norte tão pródigo de poetas e romancistas, foi profundamente abalado pela geração moderna. O romance, em vez de ser esforço de imaginação, obra de ficção, passou a ser cena real, página vivida, fator cultural da nossa formação social. José Americo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Régio e Renato de Almeida representam no norte o verdadeiro expoente da nova geração.

No Sul, Erico Verissimo, Mario de Andrade, Andrade Muricy e Oswald de Andrade. E com essa turma, tanto a do Norte como a do Sul, vai a literatura nacional tomando novos rumos.

O poeta de hoje não pode viver como o poeta do século passado: o romancista não se preocupa com histórias futeis; a êle nada interessa saber se D. Violante tem amores, se é pálida, ou se houve um porteguês idiota que se apaixonou por uma índia. O que lhe interessa é saber da vida dos nossos problemas.

André Breton, descrevendo o poeta do futuro diz: «Será êle o homem que venceu a antinomia da ação e do sonho, que atingiu ao estado individual e universal e fez a concordância de vários outros contrários».

E assim se separaram as duas gerações. Vultos de valor da velha gera-

ção vieram cerrar fileira na "nova, e outros desapareceram sepultados dentro da cavernada mediocridade.

O homem moderno vibra, trabalha, luta e sofre.

Andrade Muricy, em "A Nova Literatura Brasileira" falando sôbre o movimento modernista, faz exclusão de Da Costa e Silva, dizendo da seguinte maneira: «Foram excluídos os meros continuadores de movimentos anteriores. Um poeta notável como Da Costa e Silva, por exemplo, encerrou o seu ciclo dentro dum simbolismo ligeiramente contagiado de parnasianismo». E' bem verdade que o autor de «Pândora», não acompanhou o ritmo da gente nova, mas nem porisso êle deixa de ser um grande poeta. Para julgá-lo basta apenas este soneto:

### Saudade

*«Saudade! Olhar de minha mãe rezando,  
E o pranto lento deslizando em fio...  
Saudade! Amôr da minha terra... O rio  
Cantigas de aguas claras soluçando.*

*Noites de Junho... O caboré com frio,  
Ao luar sôbre o arvoredado, piando, piando...  
E, ao vento, as folhas lívidas cantando  
A saudade imortal de um sol de estio.*

*Saudade! Asa de dôr do Pensamento!  
Gemidos vãos de canaviais ao vento...  
As mortalhas da névoa sôbre a serra.*

*Saudade! O Parnaíba — velho monge  
As barbas brancas alongando... E, ao longe,  
O mugido dos bois da minha terra...*

Da Costa é um poeta genial, porque sabe traduzir em cores vivas o sentimento humano. E porisso êle é um grande poeta — porque é humano.

## ATO DE FÉ

*Continuação da 5a. pag.*

Infeliz Sócrates! Inventaram-lhe o célebre conceito « só sei que nada sei » e a super-produção de pedantes e cabotinos, vive a bradar, como autênticos donos das questões mais exóticas: « só sei que tudo sei »

Quanto ao velho Platão, o homem moderno não se convence e acha mesmo ridícula a sua condição de igualdade a um frango depenado. Não vêem os ilustres contemporâneos, que em função desse incomensurável Universo, não atingimos sequer a qualidade de amebas. Não reparem no otimismo de Platão, em nos julgar camaradamente — frangos depenados.

São Tomás de Aquino considerava como uma das provas da existência de Deus, a teoria de um 1º motor imóvel (aliás é uma idéia um pouco atravessada, essa história de motor sem causa primária de energia). Pois os homens desprezaram a imobilidade e o divino da história, e o 1º motor da vida ficou sendo o interesse. Coitado do S. Tomás! Divirtuaram-lhe maliciosamente a teoria.

A « cogito ego sum » de René Descartes, antepuzeram um aforismo bem da época: « Se penso não existo »

A paz universal e perpétua, idealizada por Emanuel Kant... (Perdoem-me, mas não falarei disto. E' questão de não se querer passar por ridículo).

Do bem intencionado Darwin, aproveitaram-lhe apenas a lei de seleção natural, como justificativa do predomínio do mais forte.

A tão decantada « Religião da Humanidade », do fundador da doutrina positivista, foi desmoralizada, e ao invés de prestarem cultos aos altruísticos sentimentos, ao humanismo, ás boas ações, preferiram os filhos do século se reverenciarem ante á Fôrça, á injustiça, á deshumanidade.

Em vista de todos estes fatos objetivos, não é justo que desprezem este meu ato de fé. Esta é a ultima ação que pratico em favor do próximo. Aproveitem, que a maneira do corvo de Poe, despeço-me dos meus semelhantes:

— Never more! Never more!

"sketh" de veiga junior



## PELO TELEFONE

— Boa noite, Eliza.

— Boa, Marcos. Como tem passado ?

— Bem. Porque você não foi ao teatro. Esperei-a durante toda a peça...

— Não foi por querer. A Maria esteve aqui. E você bem sabe : visita não se deixa em casa...

— E'... Eu que posso ficar toda a vida a esperá-la. E'... muito engraçado, dona Eliza !

— Não se zangue, Marcos. Eu...

— Já vem com as desculpas esfarrapadas. E' sempre assim. Vai ver que quem é o culpado sou eu. E' sempre assim...

— Não é Marcos, mas...

— Não digo? Sempre o mas, o irritante mas. Ah, Eliza, deixe de julgar me um tolo.

— Não o estou julgando tolo, Marcosinho. Você bem sabe que não penso mal do meu...

— Já vem, já vem com as suas.

(Continúa adiante)

## HUMORISMO

*(Continuação da 7ª página)*

çou a passar assim a história aos amigos mais íntimos, porém, tão enlevado ficou, que era só encontrar, não apenas um amigo, como qualquer conhecido ou transeunte, elá ia a história. Foi até encontrar-se com o nhô Joaquim e, não lhe ocorrendo no momento a origem do caso, contou lhe também, acrescentando que o seu filho havia ganho uma medalha.

— Uma medalha?

— Sim, o diretor deu lhe uma medalha de ouro, para comemorar o feito.

Mas o nhô Joaquim não se conteve:

— Perdão, amigo. Quem deu a medalha a seu filho não foi o diretor. Quem lhe deu fui eu...

**Duas meças?**

O "Cara Chata" costumava antigamente ficar na barca do Benedito Leite, onde alegrava os passageiros com a sua prosa, e com os contorcionismos de homem-rã, que era. Mas, um dia, umas daquelas viagens, foi desbancada pela Mariquinha, que concentrou todas as atenções. Falou, discutiu, jogou indirectas, deu palpites, pintou o sete. Depois que ela saiu, o "Cara Chata", que é cego, como se sabe perguntou ao Didito:

— Quem são essas duas meças? Falam tanto...

— Duas meças, não. É uma só meça, mas, com duas vozes...

**Sebastião, o filantrôpo**

Quando o Sebastião Teodorico foi purgar os pecados de sua extrema bondade, lá pelas bandas do "Cocais", onde pôs negocio, caiu num filantropismo curioso. Queria concertar a humanidade, ensinando o homem, mas, ensinando-o com um látego.

A's vezes chegava lhe um freguês e perguntava:

— O Sr. tem fumo?

— Não, Sr.; isto é, tenho, mas, sou obrigado a dizer que não. O Sr. está vendo aí bem na sua frente. Se pergunta, é porque quer conversar, e não estamos aqui para isso...

De outra feita, estava na porta, com um morador daquelas cercanias, quando aponta uma boiada, no alto do môrro. O caipira observa:

— Boiada bonita. De quem será?

— Não sei.

A boiada vinha vindo, e o homem pergunta ainda:

— Mas de quem será?

Sebastião permanece quieto. Mas, o outro está mesmo interessado e, quando a boiada vai passando, pela estrada em frente á porta, insiste novamente:

— Éta boiada bonita! de quem será?

Já aqui o Sebastião não suporta.

— Homem! Eu já lhe disse que não sei, mas, se o Sr. faz muita, muita questão de saber eu corro lá e pergunto.

**Centenário de Machado de Assis**

Pela primeira vez, no Brasil, comemora-se o centenário de um homem de letras. O fato é significativo e glorificaria o mestre se a sua glória já não tivesse sido feita pela grandeza da sua obra. Ainda mais quando elle fugiu dos contactos políticos do seu tempo. A homenagem a Machado talvez signifique o interesse que o governo tomará pelos problemas dos intellectuais.

# Ciência

## Hereditariedade e Eugenia

Desde a mais alta antiguidade a humanidade vê-se preocupada com o problema da hereditariedade. As semelhanças entre ascendentes e descendentes, o problema da determinação do sexo, o estudo do mecanismo da transmissão dos sinais hereditários e doenças particulares de uma espécie arrastaram filósofos e biólogos ao estudo desta questão — a hereditariedade. Tamanho interesse suscitou que DRELCOURT contou 262 teorias sobre o assunto em 1865.

Impressionado com esse fatalismo que transmite formas de uma geração á outra, o homem deu o nome de atavismo a "essa herança biológica que não perdia ao saltar uma e mais gerações".

Os estudos de WEISMANN determinaram considerar a hereditariedade um fenómeno de continuidade biológica de alguma coisa através das gerações. E essa alguma coisa, diz OCTAVIO DOMINGOS que assim se continúa biologicamente através das gerações é o plasma germinativo ou o gens. E' aí, nesse gens, que vivem defeitos e virtudes dos ascendentes e por intermédio dele que as espécies se prolongam. E' por isso que CONKLIN escreve: "o corpo humano desenvolve-se e morre a cada geração; o plasma germinativo é, ao contrário, a corrente ininterrupta de substância viva que ata umas gerações ás outras,

O corpo nutre e protege o germe; ele é o portador do plasma germinativo, o administrador mortal de uma substância imortal."

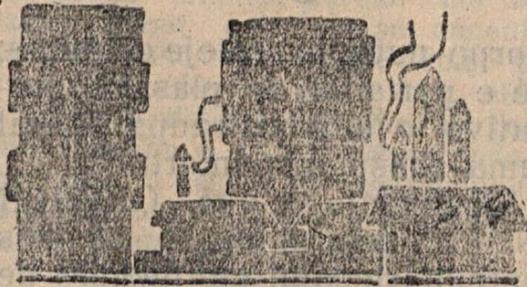
Finalmente com GREGOR MENDEL, determinou-se as leis da hereditariedade em número de cinco—de qualidade (lei da dominancia, lei da recessividade, lei da disjunção) e de quantidade (lei da proporção dos recessivos, lei da proporção dos mestiços). Continuando os seus estudos chegou o genial abade alemão até aos limites da Genética ou Eugenia. A palavra Eugenia aparece pela primeira com FRANCIS GALTON em 1883. Com as leis mendelianas e a Eugenia o estudo em tórno do melhoramento das espécies tornou se mais seguro, assentado, como estava em bases mais sólidas.

A Eugenia, segundo os eugenistas ingleses, deve ser definida como o estudo dos fatores que, sob controle social, possam melhorar ou prejudicar as qualidades raciais das gerações futuras, quer física quer mentalmente. Escreve W. SCHRAENEN: "Considerando a Eugenia como ideal social não se deve cair no erro de crer que ela trará um tipo humano perfeito. Alguns adversários seus insinuam (no desejo de desacreditá-la) que essa é sua pretensão final. Absolutamente não. Ela visa, na verdade, com a eliminação dos

*(Continúa adiante)*

# Vida das cidades

## A poesia incomparável da Igreja Cuiabana



Velhos templos coloniais, testemunhas imperecíveis de tantos episódios dramáticos da vida cuiabana. Sentinelas avançadas da civilização iusitana, que veio rasgando terras, cortando matas, singrando rios, para fixar no seio tropical e grandioso da América, a prova inquestionável do seu gênio civilizador.

Templos cuiabanos, igrejas pequeninas, que espalham fé, mística, religiosidade na sociedade cuiabana.

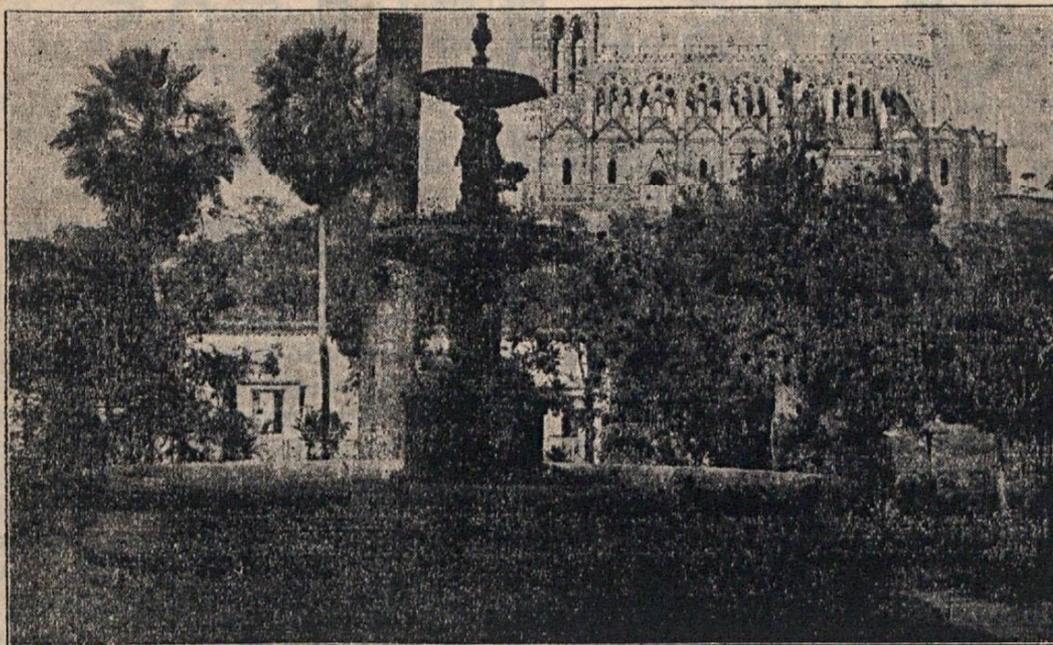
Marcos de fé que se levantam para a amplidão dos céus como pedindo desesperadamente perdão para os homens que pecam na terra.

Igrejas que se erguem como antenas captando do céu as mensagens da bondade divina.

Velhos relicários dos sentimentos, cofres, preciosos onde se abrigam tanta esperança, tanta fé, tanto sentimento nobre.

Igreja da Matriz, Igreja da Boa Morte, Igreja do Rosário, Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, Igreja de São Gonçalo. Igrejas pequeninas e pobres de galas, mas deslumbrantemente enriquecidas pela palavra de Deus.





Redutos da Religião, num mundo materialista e ateuista, que esquecendo as palavras pregadas pelo Filho de Deus precepta-se para as conquistas fugaces. Templos reconfortantes, início da estrada que leva o Homem á Redenção e á Vida.

O! velhas igrejas cuiabanas! O' poesia incomparavel!..

## PELO TELEFONE

*Continuação da 11a pág.*

Você faz das boas e depois vem com Marcoszinhos, "não penso mal do meu...", do meu o quê?... Diga logo, bobinha.

—Do meu amor, queridinho.

—E'.. Eu já sabia Ah, Eliza...

—Você ainda gosta de mim, Marcos.

—Amo-a muito, minha boneca. Eu já nem gosto dessas perguntas. Você bem sabe que a quero bastante.

—Então, meu Marcoszinho, espere-me hoje no teatro.

—Mas não vai haver visita, alguma Maria visitadora...

—Se houver, meu bem, que vou fazer?

—E'.. Esperá-la-ei.

## "RIACHUELO"

*Continuação da 9a. pág.*

os obsequiar do mesmo modo: pois estava disposto a fazê-lo, serião 7. coisa que quando rapaz nunca fiz, porém como os velhos gaiteiros, meu caro, fiz o que pude, apenas tres.

Tive nesse dia um grande desgosto pois nenhum deveria retirar, ficando tudo em nosso poder, porém teve o encalhamen-

*(Continúa adiante)*

# CENAS e RELATOS

## Honestidade Barata

Há sempre, em toda a parte, numerosas pessoas, que brigam para pagar a passagem do companheiro, nos bondes de tostão. Em geral, dispensa-se a fineza, mas, o outro insiste, com tal ímpeto, que é capaz de derrubar alguém do banco, se não lhe deixarem os cem réis ao cobrador. Preocuparam-me sempre estes indivíduos. Pude observar que todos eles, quando nos ônibus de mil e duzentos ou nos bares, passam logo para a segunda categoria de Pitigrilli, o qual dividiu os homens em dois grupos: de um lado os que, diante de uma despesa, pagam imediatamente; de outro, os que, nas mesmas circunstâncias, fazem apenas o gesto. Quando a gentileza sobe de preço, aqueles indefectíveis pagadores de tostão procuram desesperadamente a carteira em todos os bolsos, até que um outro satisfaça a despesa. Semelhantes a êsses, estão aqueles que vivem preocupados com as pequenas dívidas, de dois tres mil réis, saldando-as sempre. Mas, vêem-se forçados a mudarem de padeiro, alfaiate e demais fornecedores, porque êstes, desiludidos de seus créditos, vão procurar outras freguesias...

Ora ligando êstes com outros fatos da mesma natureza, concluí que eram inspirados em igual sentimento ser útil, com pouco ou nenhum esforço. E tantos eram êstes fatos e com tal número de praticante, que cheguei de construir uma teoria sobre êles, denominando-a honestidade barata. Afigurou-se-me, porém, que uma ideia assim interessante, como esta, "deveria ter ocorrido ao velho mestre Machado. Sim, senhores, ao velho Machado de Assis, que tem sido para muitos escritores brasileiros o que foram os gregos para a ciência e para as artes em geral. Sabemos que tudo o que os modernos idearam e conceberam está na Grécia: Comte nos fala lealmente de

sua ascendencia com o «incomparável Aristóteles.» Freud também não nega que houvesse participado do «Banquete» de Platão. Outros não o confessam, mas porque são honestas baratos — para ir já aplicando a minha teoria.. De facto, são gregos por empréstimo. Se até o simbolismo, e penso que mesmo o futurismo, já passaram pela Grécia, antes de virem perturbar o cérebro do Verlaine ou do Marinetti.. No Brasil, é com Machado de Assis. Muitos vão a eles, e, sorrateiramente, trazem uma ideia, um achado, ampliam-nos e os impingem como cousa própria e perfeita. Às vezes, depois do furto, atiram-lhe pedras, como os cangaceiros do Nordeste, que, após despojarem os moradores, ainda lhes violentam as filhas...

Foi por isso que, com a minha teoria, recusei publicá-la, sem verificar-se, de algum modo, não pertencia ao nosso grego. Efetivamente, lá estava com Brás Cubas, e foi quando este achou na rua uma pratinha e fê-la enviar ao Chefe de Policia, para que a entregasse ao legitimo dono Ação benigna, que lhe deu alguns minutos de grande prazer. Mas, dias depois, encontra um «embrulho misterioso» ou sejam cinco contos de rei, que levou, não mais ao Chefe de Policia, porém, ao Banco do Brasil, á sua conta-corrente. Eis aqui a gênese da minha teoria—Brás Cubas foi o seu precursor sem, que por isso venham os senhores tirar-me todas as honras dela. Também Cabral e Colombo tiveram antecessores nas suas descobertas, mas, com êles, todas as glórias, pois, foram os unicos a proclamar os dois acontecimentos, dando-lhes o relêvo que mereciam.

De qualquer maneira, aí deixo a teoria, certo de que tem e terá sempre aplicação quotidiana. Vêmo-la nesses indivíduos, que pretendem pagar o dinheiro que lhes emprestamos, referindo-nos os desaforos, que dizem de

nós aí fora.. Vemo-la com aqueles outros, que julgam captar nos com a confiança ou corresponder a algum benefício, beijando, na bôca, aos nossos irmãozinhos, sem se lembrarem (ou lembrando-se dos bacilos, que possam transmitir-lhes... Enfim, a teoria é geral e abrange todas as camadas.

E já que estamos neste ponto, quero contar o mais belo caso de honestidade barata, que conheço—e é de um nosso conterrâneo, com orgulho o digo. Chama-se... não, não é preciso o nome, peguemos apenas o símbolo. Estávamos num daqueles períodos de "pega para enforçar", que correspondiam ao início das nossas primeiras intervenções. Eram demissões a torto e a direito. O Governo não tolerava os adversários ou simplesmente suspeitos. E suspeito era um dos nossos mais velhos funcionários, o Costa, pois, modesto e arredo, não hipotecára, com gestos e palavras bonitas, e em tempo oportuno, a devida solidariedade ao partido triunfante. Daí o seu receio naqueles primeiros dias de inquietude, mas, o tal de quem falei, chegou-se a êle e traduziu-o:

Olhe, Costa, nós somos amigos. Sei que a sua situação lá com os chefes não é bôa, mas, tudo se arranja. Não se incomode. Você sabe que arrumo tudo com os homens, pode deixar por minha conta. Não se impressione...

Ouví isto com os meus próprios ouvidos, e quis o Acaso que estivesse, nesse dia á noite, em casa do "chefe", quando apareceu o nosso homem. Compreendi que vinha deslindar o caso do Costa. e de fato, logo que lhe perguntaram como iam as cousas, foi dizendo:

— A situação é bôa. Mas há por aí um certo descontentamento..

— Descontentamento?

— Sim. Há muita gente reprovando o Governo, em conservar nos cargos alguns inimigos. Fala-se, por exemplo, no Costa...

— Mas, o Costa é dos nossos. Houve quem desconfiasse dele, mas, é engano. O Costa é nosso amigo..

Aqui, então, o homem foi incisivo, sincero:

— Perdão, meu chefe. Quanto a isso sou testemunha de vista. Ainda hoje, o Costa me afirmou que continuava com os nossos adversários, e não tinha medo de demissão. Não precisava de emprêgo, podia ganhar a vida de outro geito. Falou cobras e lagartos de nós. E isto indignou-me...

E foi por aí além, enquanto eu, furioso, pensava na situação do pobre funcionário que fatalmente seria posto na rua. Mas o homem acabára o discurso e, como se houvesse cumprido já a sua única missão, começou a despedir-se dos presentes. Quis negar-lhe a mão, mas, imediatamente me lembrei da minha teoria. Sim estava ali um representante da honestidade barata. E, como dizia o Padre Romualdo, meu antigo mestre de Moral, é necessário todo o respeito com a honestidade, qualquer que ela seja. Dei, pois, também o meu afetuoso "shake hands" àquele honesto:

— Bôa noite. Recomendações á família...

Recordo-me bem que o Costa foi demetido no dia seguinte. Mas, não estou certo de quem o houvesse substituído. Vou percorrer a coleção da "Gazeta" daqueles tempos. Pois, se êste homem conseguiu para si ou para os seus o lugar do Costa, com o desconfio, é êle sem dúvida o mais barato dos honestos dêste mundo...

H Menon

Especialista em ouvidos,  
nariz e garganta

DR. J. MARTINS

Permanece até 27 do fluente nesta Capital, dá consultas todos os dias úteis no consultório do Dr.

Ataíde Bastos, á Rua 13  
de Junho, 88

# Um noturno do Rio

Quando Marcelo chegou á sua pensão, lembrou-se que o senhorio devia ter-se mudado êsse dia para a rua do Senado. Rumou-se para lá, inutilmente, aliás, pois, esquecera-se do número da nova casa. Esteve por ali rondando muito tempo a vêr se vinha algum companheiro. Nada. Um momento, julgou recordar-se, e apertou o botão de uma campainha, que fez vibrar a rua toda, áquela hora tranquila da noite. E quási ao mesmo tempo, uma voz encabulada veio ver quem era. Desfez o engano, resmungando, do alto da escada, se isso era maneira de tocar campainha, quasi morreu do susto..

Marcelo desceu a rua devagar, sem esperança de pousar em casa, áquela noite. Seguiu a Avenida Mem de Sá, perambulou um pouco pela Cinelândia, apreciando os cartazes. Afinal, foi sentar-se num banco da Praça Pariz. Era uma noite de verão, abafada. O mar, lá ao longe, recebia

a fosforescência da luzes, que o fazia tremer como uma téla cinematográfica. Havia um grande silêncio, só interrompido pelos bondes, que passavam de vez em quando, a trepidar no asfalto. Marcelo ia contemplando isso tudo, indiferente, longe. Viera dos confins do Norte, atraído pelo brilho da Metrópole. Viera iludido, sempre fôra iludido com a vida. Em criança, impingiram-lhe que seria um grande homem só porque dava as lições direitinho ao mestre. Depois, acabaram de inutilizá-lo com essas noções infantidas com que os brasileiros costumam mimosear os seus filhos. De modo que, ao chegar aqui, Marcelo começou a estudar com afinco, crente de vencer. Vencer! A nossa educação — pensava êle — tem sido sempre baseada na luta. Insuflamos no adolescente idéias falsas de patriotismo e de concorrência aos outros companheiros. O individuo recebe logo a noção de que "quem fôr fraco que

*Conto de Antônio de Arruda*



*Ilustração de J. Baptista*

fique pela estrada", como no famoso hinô. Marcelo veio com ela. Queria vencer. Mas, a desilusão, que o seu meio acanhado não podia dar-lhe, encontrou-a logo na grande cidade. Aqui, o choque das ambições é mais constante, e Marcelo pode observar que, nem sempre, saíam vitoriosos aqueles princípios que trouxera consigo. Assim, desde cedo, arraigaram-lhe no cérebro que devia "pautar os seus atos pelos ditames da Moral". A moral ficaria sendo uma espécie de dama rabujenta, que tudo ordena, que impera em tudo. Entretanto, Marcelo notou logo que a Moral não existe. Quando muito seria, representada pelos costumes de cada lugar: uma coisa é imoral lá no seu sertão, como beijar pessoas de outro sexo, mesmo em cortezia, e não o é em outras partes. Ainda assim, há cousas que em qualquer parte, são consideradas contrárias á Moral, como surrupiar dinheiro ao povo — no entanto, vê-se isto todos os dias, e os autores andam por aí soltos e benquistos na sociedade. Além disso, as palavras de seus mestres sôbre a Virtude resoavam-lhe ainda aos ouvidos, mas, o que via diante dos olhos era o Vício, dominando, avassalando tudo. E, em geral, os indivíduos que revelavam maior corrupção, na Política, no Comércio ou na Indústria, eram os também mais elogiados nos jornais, como honrados, inteligentes brilhantes. Na sociedade, era a devassidão, interpretada como novas concepções da vida, em que o homem veio ao mundo para usufruir prazeres, mais nada. Como conciliar isso tudo? Marcelo começa a descrever. Já os seus planos de vitória iam arrefecendo, porque para isso seria preciso bastante dinheiro, que não tinha, ou a renúncia do caráter, o que não lhe agradava. Depois, um golpe maior foi a morte do pai, que lhe valeu a suspensão da mesada. Abandonou, então, os estudos, e foi empregar-se numa casa de comércio. Ali, os absurdos que presenciou, acabaram de matar-lhe qualquer iniciativa de luta.

Que fazer, então? Marcelo resol-

veu voltar para o seu lugarêjo, e ali viver tranquilo e obscuro. E essa convicção mais se fortificava, áquela hora, em que balanceava todas essas cousas, sob a noite tropical. Nada mais tinha a fazer. Voltar! Retroceder! E Marcelo observava melancólicamente a paisagem noturna. O mar agitava-se ao longe batido pelas luzes, os bondes continuavam a passar de vez em quando. Os seus pensamentos eram tão negros, que lhe davam a impressão de abutres voejando sôbre cadáveres..

X X X

Marcelo examinava os seus abutres interiores, quando surge um vulto de mulher, e vem sentar-se num outro banco, ali perto. Começou a observá-la longamente, e viu que era jôvem 18 anos talvez. Lembrou-se do Amor, que só conhecia de passagem através de encontros furtivos e mercantilizados.. E a presença da jôvem ali, naquela solidão, veio despertar-lhe instintos adormecidos dando-lhe essa obscura sensação, que sempre sentia, de carência, de falta de alguma coisa inesplícável e imprecisa.. Dirigiu-se imediatamente para ella:

— Boa-noite.

— Boa noite.

— Que está fazendo?

Ela perqueriu-o com o olhar, antes de responder, novamente. Depois:

— Não sei... Porque pergunta?

— Por nada E' que estava tão só e quando a vi... Mas, estou sendo-lhe importuna?

— Nem tanto. Há pessoas que me são muito mais...

— Então posso sentar-me ao seu lado, para conversarmos um pouco?

— Desde que não se meta a audacioso..

— Quanto a isso, esteja descansada...

Em breve, ganharam confiança recíproca, e ela contou, então, os seus pequenos infortúnios. Viera do interior de Minas, e hospedava-se em casa de uma tia, na rua das Marrecas. Mas, estava muito descontente. A tia questio-

*Continúa adiante*

## HOMENAGEM

MACHADO DE ASSIS espalhou na sua obra conceitos que retratam a mais das vezes o humorista impecável de "Quincas Borbas". Há nesses conceitos não só beleza de expressão como sutileza e profundidade:

Enquanto um chora, outro ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando, seria monótono, tudo rindo, — cansativo; mas uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas acaba por trazer á alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida.

Há muitos modos de afirmar; só um de negar tudo.

Parece que há duas sortes de vocação, as que tem língua e as que não tem. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e esteril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens.

## CONCEITOS DO MESTRE

A misantropia pôde tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê los...

Dormir é um modo interino de morrer.

Deixa lá dizer que o homem é um caniço pensante, não, é uma errata pensante, isto sim. Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e, que será corrigida também até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

A vida, como a antiga Tebas tem cem portas. Fechadas uma, outras se abrirão.

A descrição da vida não vale a sensação da vida.

O nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão.

a MACHADO DE ASSIS

## Um noturno do Rio

*Continuação da 19a. pág.*

nava, todos os dias, com ela; principalmente por causa do dinheiro.

—Veja. Ganho duzentos mil réis, como datilógrafa, dou-lhe metade dessa importância, e ela ainda quer que eu preste contas da outra metade. Às vezes, me exaspero, porque a gente se mata no trabalho, e não pôde aguentar impertinências... Não acha? Ainda agora mesmo, acabamos de brigar, ela descompôs-me, e eu saí sem destino..

Marcelo sensibilizava-se com essas confidências, sentindo grande piedade pela jovem. Começou a considerar quantas da mesma idade não estariam àquela hora em festas, bailes, ou bem aconchegadinhas ao leito, enquanto esta se atirava à rua por causa das patifarias de uma velha usurária. E quantas outras não estariam dormindo ao relento, por não terem casa...

—Isto vai mal, grunhiu êle. Vamos àquele bar ali, tomar alguma cousa?

—Vamos.

Estiveram mais de uma hora sentados, bebericando chopes e comendo batatinhas, debaixo das olhadelas do "garçon", que certamente desconfiava daquele casal.. No pagamento, Marcelo deixou na mesa uma de suas últimas pratinhas, para a gorge'a—eterna—os tentação dos jovens... Depois, antes de se levantarem, ficaram um momento indecisos, como a se indagarem que destino tomariam. Afinal, ela disse:

—Com a minha tia não fico mais. Vou buscar as minhas cousas e mudo hoje mesmo para alguma pensão.

—Bem, então vamos. Você não pôde mesmo ficar mais com essa velha...

Marcelo havia lido "Crime e Castigo", e fantasiou logo uma megera horrenda, cujo assassinio seria uma redenção para a humanidade. Os cinco ou seis chopes, que tomára, principiavam a fazer o seu efeito...

x x x

Ganharam a Lapa e atravessaram a passos rápidos o reduto boêmio da

cidade. Ela, principalmente, sentia se constrangida ao cruzar uma daquelas esguias figuras femininas, que passavam agitando a bolsa, com braçadas ritmicas. Na rua das Marrecas diante de um velho sobrado, ela disse:

—E' lá em cima.

Estando aberta a porta da rua, entraram, e Marcelo advinhou logo um depósito de vinho e óleos, na parte térrea do edificio, pelo cheiro acre que lhe invadiu as narinas. No fim da escada, uma outra porta. Ela bateu timidamente. Ouviram-se passos lá dentro. Um minuto de espera e ansiedade para ambos, que se entreolharam. Marcelo cerrou o punho, como a dizer:

—Não se incomode...

A porta abriu-se, e apareceu uma senhora de uns quarenta e cinco anos, compleição forte, que avançou de braços abertos para a recém-chegada:

—Oh! Carmenzita! Que cuidado você me deu! Já mandei telefonar para D. Carlota, pedi ao seu Juquinha que fosse atrás de você... Onde é que você andava, criatura?

—E a bôa senhora abraçava-a ainda, com um sorriso de descanso e satisfação. Mas, reparando-se em Marcelo, largou-a impertigando-se um pouco, em attitude inquiridora. Camenzita explicou logo:

—E' um rapaz com quem me encontrei, e estivemos conversando..

Êle ajuntou, resoluto:

—E, como a senhorita resolveu mudar-se, vim ajudá-la o transportar as malas...

A senhora encarou-o, complacente e perguntou:

—Você é estudante de Direito ou de Medicina?

Tamanha tranquilidade ia-o desarmando, mas, ainda respondeu seriamente:

—Era estudante de Direito, mas, agora trabalho no comércio.

E virando-se para Carmenzita:

—Bem, vamos! Tenho pressa...

—Mas espere lá, minha gente. Isso não é assim. Vamos entrando, vamos entrando.

E a boa senhora levou os para a sala de jantar, onde começou ajeitar

cadeiras. Marcelo recusou, preferindo andar pela sala, em grandes passadas, mãos no bolso, taciturno. Ela sentou-se, e, calmamente:

—O Sr. veio mesmo disposto contra mim. Vejo que a garota encheu-lhe os ouvidos... A nossa desavença é simples. Ela me dá cem mil réis, mas, nem precisava, como lhe digo, às vezes; tenho quinhentos mil réis de montepio... Mas, o que eu quero é controlar o dinheiro dela, para não ser gasto com bobagens...

—Minha senhora, a questão não é essa. A senhorita é hoje independente. Pode fazer o que quiser...

Carmenzita cobrou ânimo:

—Pois é, titia. Eu não quero mais ficar aqui, e vou para alguma pensão do Flamengo...

—Não minha filha. Eu não vou soltar você assim. Neste caso, vamos para Minas, e a entrego de mãos próprias a seu pai.

E, solêtrando as palavras.

—Depois, você volta e faça o que quiser. Serve?

—Mas, assim, papai não me deixa voltar. Não, para Minas, não vou...

—Então.. —fez a tia, numa atitude de sereno triunfo. Carmenzita começou ensaiar um choro manso, enquanto Marcelo rematou:

—Bem, já que tudo continuará como antes, vou me embora...

— Não, atalhou a senhora. Eu estava mesmo preparando um café, quando vocês chegaram. Quero que não vá zangado comigo...

— Absolutamente, minha senhora. Mesmo porque estou vendo que a Sra. é uma das vítimas...

— Vítima de que?

— Da sociedade, da vida...

Ela esboçou um sorriso de compreensão:

— Ah! Meu filho, nesse caso, todos são vítimas. É preciso ter coragem para suportar os males...

— Sim, mas, eu não suporto. Já estou farto disto aqui. Agora só quero voltar para a minha terra, vegetar por lá. Mas, ao menos fico livre desta horrenda cidade...

Não, não faça isso. Procure me-

lhorar de situação, mas, não vá. Eu sei o que são lugares pequenos: aqui a gente está sempre melhor...

Marcelo continuava a passear pela sala, impaciente, nervoso, a cabeça revolteando com os chopos.

De repente, Carmenzita lembrou:

— Ah! Titia! Ele me tinha dito que ficou preso hoje na rua... O dono da sua pensão mudou-se hoje, e ele se esqueceu do número da nova casa...

— Ah! então ele dorme hoje aqui. Arranjaremos uma espécie de cama, aqui na sala.

Mas, Marcelo não concordou:

— Aqui? Com cheiro de azeite, que vem lá de baixo? Não. Se me derem uma parte dêsse quarto aí, aceito.

— Mas, aí é da Carmenzita.

E acrescentou, sorrindo

— Vocês ainda não são casados para dormirem no mesmo quarto...

— Então, chame o padre...

— Mas, o casamento de padre hoje não vale...

Padre é modo de dizer. Vamos á Pretoria, á Policia...

Não, amanhã daremos um jeito... Hoje, você tem que contentar com isto.

— Bem estava disposto a dormir nalgum banco da Praça Paris, como um vagabundo. Mas, já que insistem, ficarei.

E Marcelo encostou-se á janela, pondo-se a olhar distraído. Lá embaixo, a fileira interminável de casas, que se perdiam de vista, esfumadas na sombra. Sentia-se já atraído por aquela gente, que vinha de conhecer em circunstâncias tão curiosas. Começou a pensar como seria mais interessante a vida, numa casa como aquela, naquele doce e feliz aconchêgo. De manhã cedo, saíam ambos de braços dados, para o trabalho, e de volta encontrariam a boa senhora na porta, que os vinha receber com aquela alegria que advinhava nela... Sim, não devia voltar para o Norte, para o seu lugarejo. O seu dever era ficar. E uma enorme coragem invadiu-o de repente. Velhos planos de combates e de luta ressurgiram, numa ânsia de realizações. Falou alto, como se estivesse monologando:

—Sim, fico. Mas, também reviro isto aqui..

A senhora, que estava arrumando chicanas, no armario, acudiu pressurosa:

—O que? Quer atirar se lá em baixo?...

—Não. Refiro-me á sociedade. a essa corja, que é preciso dismantelar, para organizar de novo...

—Desista disso... Trabalhe, viva, e pronto..

—Não, eu arrazo.. Isto é uma miséria..

Carmenzita, que permanecera sentada lembrou-se também dos seus pequenos dissabores de datilógrafa, e repetiu como um éco:

—E' uma miséria...

A boa senhora sorria-se, com indulgência:

—Calma meus filhos. Já sei o que é isso. Carmenzita não jantou hoje, e o Sr. também parece-me que não...

—Jantando ou não jantando, minha senhora, o meu programa de agora em diante é de luta...

—Sim, eu sei, mas, isso passa. Antes do café, vou preparar-lhes dois bons bifés. Isto passa. E' fome...

Rio, Maio de 1935.

## Hereditariedade e Eugenia

*Continuação da 13a. pág.*

resíduos, o encorajamento dos elementos sãos e, influenciando a hereditariedade e o meio, chegar a um tipo humano mais perfeito que o existente."

A Eugenia pretende doar o meio social com o maior número de seres normais possível. E' necessário lembrar com JOAQUIN NOGLERA que nem o super homem nem o cretino, como extremos opostos da série fisiológica, representam normalidade; é o tipo

médio normal que deve constituir a sociedade.

Usando dos elementos da Eutecnia, da Higiene, da Puericultura, do Saneamento e da Educação fácil seria alcançar os objetivos propostos pela Eugenia. \i-  
ver enfermo ou débil, lembre OCTAVIO DOMINGUES é terrível modo de viver, o que importa é viver sadio para poder viver-se bem : non vivere, sed valere vita.

## "RIACHUELO"

*Continuação da 15a.pág.*

to do Jequitinhonha que desde o princípio me preocupou.

O Lopes deveria ter sabido o resultado da sua esquadra por algum chasques terrestre. Enfim nem tudo pôde ser na medida do que se deseja».

Sobre Riachuelo é a documentação mais decisiva.

## Comemorando

o centenário de nascimento do estre da Literatura Brasileira, as associações culturais e literrias de Cuiabá prestarão expressivas homenagens ao autor de "Quincas Borba".

O governo do Estado associando-se ás comemorações determinará que as repartições publicas encerrem seus expediente á tarde do próximo dia 21.

# Movimento Literário



Nestes seis primeiros meses do ano o movimento literário nacional foi pouco intenso. No terreno da ficção propriamente dita não apareceu um grande livro, nem sequer um ótimo. Assinala-se no entanto uma estréia auspiciosa de OMER MONT'ALÈGRE. "Vila de Santa Luzia" é uma promessa esplêndida de um grande romancista. Neste primeiro romance ele deixa entrever uma perfeita compreensão do metier. Alia ao poder descritivo o interesse humano superiormente tratado. Se ainda não é bastante, é um prenúncio, um sinal seguro de um bom romancista.

Os dois grandes sucessos de livraria foram duas traduções: "Cidadela" de CRONIN, já em terceira edição e "Moedeiros falsos" de Adré Gide. São duas esplêndidas traduções de dois livros admiráveis.

Na poesia nada de novo. Parece que a arte do verso está em pânico no Brasil como lembra o sr. Murilo Mendes, pois não tem aparecido ultimamente um bom

livro. Também parece que a literatura nacional vive no momento no delírio da prosa.

Em biografia apareceram bons livros. Entre eles merecem especial menção o de André Carrazzoni sobre Getulio Vargas em magnífica edição da livraria José Olímpio. A personalidade inconfundível do atual dirigente dos destinos do Brasil aparece neste livro nitidamente, como ela é. Há na vida singular do Presidente da República algo de predestinação. O chefe do govêrno nasceu para dirigir. Atravessou sua vida como líder. Estudante, representou seus colegas e foi orador quando bacharelou se em Direito Militar, foi o líder dos seus companheiros de posto na caserna. Nas situações políticas e nos postos de administração liderou sempre. Na Assembleia Estadual, na Camara Nacional, na Revolução de 30 como ainda hoje, líder do Brasil Novo ele tem estado sempre nos postos da vanguarda.

A obra de Carrazzoni, jornalista conhecido que pontifica com

brilho nas colunas de "A Noite" é fiel, e representa o primeiro estudo honesto em torno da vida de Getúlio Vargas. Mais que simples biografia é um livro de artista sereno e de pensador que conhece o assunto. É na coleção dos livros publicados em torno da vida do Presidente o único indispensável para um estudo imparcial do chefe da Revolução de '30.

**HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA**—Bezerra de Freitas—Livraria do Globo—1939

Depois da obra de Ronald de Carvalho—Pequena História de Literatura Brasileira, que Medeiros de Albuquerque chamou "uma grande pequena História", todas as tentativas em torno do assunto são perigosíssimas uma vez que o autor dos "Estudos Brasileiros" compôs uma verdadeira obra prima. No entanto o presente trabalho de Bezerra de Freitas não teme um confronto com o livro magnífico do poeta laureado pela Academia. Nisso está a consagração da obra do jovem publicista. Mesmo no estudo das escolas, movimentos e correntes da atualidade ele completa o livro de Ronald. Moço, inteligente e fino Bezerra de Freitas escreveu um livro sólido, substancial, onde os estudiosos do assunto encontrarão elementos interessantes e novas contribuições para o conhecimento mais detalhado da literatura nacional. Trabalho de síntese a História da Literatura Brasileira revela um perfeito conhecedor do

assunto, o que já é grande coisa num país onde oitenta por cento escreve de oitiva.

**GARIMPO DO MEU SONHO** —  
Rubens de Mendonça —  
Cuiabá — 1939

O autor desta plaquete tem se destacado entre os poetas da nova geração matogrossense pela nota pessoal, pelo tom único que dá às suas produções. Espontâneo, natural e posta por imposição íntima está fazendo uma obra que envaidece a gente nova de Mato Grosso. Ensaista também e ensaista seguro, é com esta plaquete lançou-se no mundo das letras de um modo brilhante. Seus versos vibram, sua poesia tem a vitalidade que só os versos dos verdadeiros poetas tem. Nosso companheiro na direção desta revista, publicou em "Garimpo do meu sonho" 30 produções que serão naturalmente dignamente sucedidas com as novas de "Cascahos da Ilusão", livro a sair.

**ENTUSIASMO**--Maria Sabina--1938

Em poesia há, e só deve haver dois extremos. Ou os poetas são bons ou são maus. Nesse terreno desconhece-se o meio termo. Os "bonzinhos" são, no caso, paradoxalmente sinónimos de "mauzinhos". A poetisa em questão—Maria Sabina neste livrinho de versos patrióticos revela-se uma poe-

tisa desagradavel. Não toda sua obra, mas este "Entusiasmo" em tão má hora publicado. Acontece que versos patrióticos são, antes de tudo, expressão de um sentimento profundo. Excesso de adjetivos, frases bombásticas, efeitos de retórica não significam coisa nenhuma, quanto mais patriotismo ou poesia. Poesia não é eloquência, não é retórica. É expansão de uma atitude espiritual que implica inspiração, espontaneidade. Alinhar frases sem sentido, fazer torneios verbais com efeitos pirotécnicos é bobagem. O livro de Maria Sabina sofre desses males inutilizantes.

**JUSTIÇA PENAL DE HOJE.**—H. Donnedieu de Vabres—Trad. de Fernando de Miranda—Coleção Studium—Livraria Acadêmica—1938

Os problemas criminais excitam cada vez mais a curiosidade do povo. Diz o autor que essa curiosidade é legítima. Na complexidade crescente das relações sociais, considerando os aspectos polimórficos que essas relações se apresentam difícil é para aqueles que não são especialistas distinguir o lícito do ilícito. Os livros de vulgarização vêm porisso preencher um grande vácuo, transmitindo os ensinamentos precisos e essenciais em torno de um assunto de acôrdo com as correntes mais avançadas, e muitas vezes mesmo aclarando certos pontos que os livros minuciosos confundem. É sob estes aspectos que esta tradução do livro do professor da Fa-

culdade de Direito de Paris deve ser apreciado. Comentando um Código de mais de cem anos como o Código Penal francês éle faz apreciações críticas e comparações com outros códigos estrangeiros salientando a tendência internacionalista de Direito moderno. Estuda as escolas modernas que consideram as sanções penais de um modo mais objetivo "o único que assegura o respeito pelos direitos do homem e do cidadão"... Essas escolas modernas com a de Saleilles e Cuche na França, que pretende harmonizar o dogmatismo dos néo-clássicos com o novo positivismo; a terceira Escola italiana (Terza Scuola) de Carnevale e Alimena que aceitando as afirmações positivas insite no valor objetivo das sanções penais, a Escola Pragmática de Quintiliano Saldanha que pretende uma nova política criminal de acôrdo com os dados da experiência; a Escola unitária de Guglielmo Sabatini significam novas tentativas no campo do Direito Penal no sentido de tornar a punição mais eficiente. A esse respeito Durkheim já disse que a reação penal moderna é mais moral e sentimental que utilitaria.

Duas fortes tendências se debatem no mundo moderno. Por um lado temos os Códigos que protegem mais os interesses políticos como o novo Código alemão e o Código sovietico que chega a declarar no seu artigo primeiro que tem por objetivo a defesa do Estado Socialista dos trabalhadores e camponeses. Por outro lado temos os Códigos apenas interessados na defesa da

ordem social sem se preocupar com a organização política. A tendência verdadeiramente moderna é a primeira uma vez que o mundo marcha para uma situação onde se dará mais importância á organização política.

O direito penal moderno abandonando de todo ou em parte as tendências do cientificismo do século XIX pretendem tornar mais eficiente a repressão e, por outro lado inpregna-se mais do espírito "jurista".

Diz Donnedieu de Vabres que o problema da repressão é sobretudo um problema de moral, opinião que está de acordo com a escola humanista de Lanza, como também de acôrdo com as tendências espiritualistas.

#### NOVIDADES LITERÁRIAS

Apareceu em edição de "A Noite Editora" o último livro de Gastão Penalva, intitulado "Rajada de glórias".

Os irmãos Pongetti apresentam em bem cuidada edição o

"Anuário Brasileiro de Literatura" com colaborações de escritores de todo o Brasil.

De Gilberto Freyre, estudioso das coisas do Nordeste e sociólogo de fama, acaba de aparecer em edição da Livraria José Olimpio "Açucar". Trata-se de algumas receitas de doces e bolos do Nordeste. Há um interessante prefácio onde o autor estuda a importancia do açúcar na vida brasileira.

De S. Paulo, "Rezas do Diabo", livro póstumo de Wenceslau de Queiroz.

"O caminho enluarado" de Ademar Tavares, um dos poetas mais lido no Brasil, acaba de aparecer em terceira edição aumentada.

De Catulo da Paixão Cearense, o poeta querido no Brasil, "A Noite Editora" publicou "O Sol e a Lua" coletane de versos.

# PINHEIRO & CIA.

**Livraria Sta. Terezinha**

Livros de autores nacionais  
e estrangeiros.

Artigos de escolares e de escritório

Praça da República, 20

**UIABA'**

**BAR JARDIM**

O ponto preferido da sociedade  
cuiabana

o melhor serviço de bar  
e sorveteria

**ÓTIMOS BILHARES**

**MATO-GROSSO**



*Irmãos Miraglia*

Casa de artigos finos para homem

**JOIAS – RELÓGIOS – ÓCULOS**

**RUA 13 DE JUNHO N. 104**

**TELEFONE 244**

**No próximo número :**

**Pirandelo**

de Gervásio Leite

**Dansa macabra**

de Euricles Mota

**Ouro Negro**

página de romance de Rubens de Mendonça

**Betinha**

de J. B. Martins de Mello

E colaborações de José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Odilo Silva, Antonio de Arruda, além das secções permanentes.